



IDENTIDADES JUVENIS E DISCURSOS DO ENSINO MÉDIO¹

IDENTITIES OF YOUNG PEOPLE AND SPEECHES OF HIGH SCHOOL

Douglas Pereira da Costa²

Resumo: Juarez Dayrell considera as juventudes como categoria social que emerge em parâmetros diferentes na sociedade do século XXI, fazendo-se necessário a escola reconhecer as pluralidades juvenis. Nesse sentido, o estudo objetiva analisar relações entre discursos de alunos e de professores de Ensino Médio sobre identidades juvenis. Os discursos discentes são representados por um poema escrito a partir das análises dos dados produzidos em uma oficina inspirada na metodologia Sociopoética e desenvolvida com 13 jovens alunos do Instituto Federal do Piauí, Campus Valença do Piauí. Os discursos docentes resultaram da análise do poema por cinco professores entrevistados da referida instituição de ensino. Os resultados evidenciam que há um paralelismo consensual entre os sujeitos sobre a constituição da categoria juvenil. Sugere-se que a escola crie espaços dialógicos como estratégias para expressões dos alunos, que propiciem processos de autoconhecimento aos jovens e possibilitem à instituição (re)conhecer as necessidades expressas nas autorrepresentações dos estudantes.

Palavras-chave: Identidades Juvenis. Jovens. Professores. Alunos. Ensino Médio.

Abstract: Juarez Dayrell considers youth as a social category that emerges in different parameters in 21st century society, making it necessary for schools to recognize youth pluralities. In this sense, the study aims to analyze relations between discourses of students and high school teachers about youth identities. The student speeches are represented by a poem written from the analysis of the data produced in a workshop inspired by the Sociopoetic methodology and developed with 13 young students from the Federal Institute of Piauí, Campus Valença do Piauí. The teaching speeches resulted from the analysis of the poem by five teachers interviewed from that educational institution. The results show that there is a consensual parallel between the subjects regarding the constitution of the youth category. It is suggested that the school create dialogical spaces as strategies for students' expressions, which provide young people with self-knowledge processes and enable the institution to (re) meet the needs expressed in the students' self-representations.

Keywords: Youth Identities. Young. Teachers. Students. High school.

¹ Artigo recebido em 01 de junho de 2020 e aceito em 05 de agosto de 2020.

² Mestre em Educação (UNILOGOS). Pedagogo (UESPI). E-mail: douglascostapedagogo@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0706-7163>. ResearcherID: <http://researchid.co/douglascosta>.

Introdução

Os jovens vivem uma fase diferenciada, a transição da infância para a vida adulta. Pais (1990) explica que todo o curso da vida humana é segmentado em fases sucessivas, a juventude é definida como uma delas e de um complexo processo de construção social. Na atualidade, as novas gerações (re)configuram-se com constância, essa atualização frenética da representatividade juvenil acontece devido as pluralidades que os jovens possuem em suas individualidades e coletividades, provocando uma diferenciação em suas formações, que se tornou um processo composto de grandes e inúmeras pressuposições que marcam, constroem e moldam suas identidades e subjetividades.

A escola é um lugar de produção de sentido e significado, o aluno presente na sala de aula expressa sua história singular e seu cotidiano real. Conforme esses aspectos, assim como o indivíduo e a sociedade são inseparáveis, a escola também não se separa dessa última. Com isso, as salas de aulas são perpetuadas de significações e de sentidos advindos de meios exteriores ao ambiente escolar. Dessa forma, nos moldes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as funções da escola deixam de ser fragmentadas e reduzidas ao processo de aprendizagem e buscam a formação integral dos educandos (BRASIL, 2018).

Diante dessa concepção, reconhecer a condição social juvenil é primordial para o desenvolvimento global dos alunos jovens. Por essa razão, este estudo objetiva analisar relações entre discursos de alunos e de professores de Ensino Médio sobre identidades juvenis. Primeiramente, os discursos discentes foram elaborados durante uma oficina inspirada na metodologia Sociopoética e desenvolvida com 13 alunos de Ensino Médio do Instituto Federal do Piauí, Campus Valença do Piauí (IFPI-CAVAL). A Sociopoética é apresentada pelo seu criador, o pedagogo e filósofo francês Jacques Gauthier (2019), como método de pesquisa de elaboração coletiva (pelo grupo-pesquisador, no caso, os jovens estudantes constituíram esse grupo) de conceitos emaranhados com afetos e intuições.

Um dos princípios da referida metodologia de pesquisa é a criação artística pelos participantes para produção dos dados (artes plásticas, música, dança, teatro, contos, poesia, dentre outras). Da mesma maneira, a análise desses dados pelo pesquisador pode manifestar-se por meios artísticos. Nessa perspectiva, os discursos discentes são representados nesta pesquisa por um poema criado pelo autor deste estudo como resultado da análise dos dados produzidos na oficina baseada em preceitos sociopoéticos, que tinha como objetivo conhecer as identidades subjetivas juvenis

produzidas pelos jovens alunos conforme as imagens que eles têm de si, realizada em sessão única com duração de duas horas, durante uma pesquisa de mestrado em educação no ano de 2017.

Os discursos docentes foram enunciados a partir da análise do poema mencionado por cinco professores dos referidos alunos e da referida instituição de ensino. Assim, analiticamente, buscou-se convergências e divergências entre os sentidos expressos no poema (como discurso dos alunos participantes da pesquisa) e as falas dos professores a partir dele. Acredita-se que “[...] conhecer e reconhecer as identidades subjetivas em percepções sensíveis é um ato educativo de caráter prático e social para a docência na atualidade” (COSTA, 2020, p. 1327).

Souza, Reis e Santos (2015, p. 16) apontam a necessidade de repensar o Ensino Médio como uma “fase” da vida estudantil tendo como pauta as mudanças ocorridas na sociedade, considerando o jovem estudante em sua totalidade e como sujeito sociocultural. “Nesse aspecto, considerar as identidades juvenis, reconhecer seus modos de expressão, valorizar suas referências culturais, debater sobre os pré-conceitos construídos historicamente em relação a sua história [...] é algo que enriquece o trabalho pedagógico, e fortalece a autoestima de jovens alunos e alunas”.

Para esse reconhecimento, por parte de professores, escolas e sociedade, é necessário dar voz aos educandos, possibilidades de manifestação sobre quem são e quem pretendem ser. Para Cardoso (2019), a BNCC, como política pública curricular do Ensino Médio, ainda fala timidamente sobre considerar os aspectos subjetivos do público jovem, prevalecendo o discurso unilateral daqueles que elaboraram a base, com pouca participação de alunos. Diante do exposto, visualiza-se o poema que será apresentado neste estudo como uma voz coletiva ressoada a partir da análise dos discursos discente pronunciados durante a oficina. E, assim, a análise do poema pelos professores indicam os reconhecimentos das identidades juvenis expressas no referido texto.

Abordagens teórico-metodológicas

Para debater sobre identidades juvenis, primeiramente precisa-se refletir sobre as mudanças sofridas nas sociedades, pois as diversos modos de ser jovem estão inseridos nas realidades socioculturais e tracejam a condição juvenil (SOUZA; REIS; SANTOS, 2015). Na contemporaneidade, a sociedade vivencia mudanças em grande velocidade, as tecnologias e suas evoluções são fortemente responsáveis por tais transformações. Diante de

uma sociedade em atualização constante, tem-se uma geração de jovens diferenciada daquelas que nasceram e cresceram em outros períodos na linha do tempo das trajetórias juvenis. Conforme Bortolazzo (2012), adotou-se o termo geração para indicar em uma linha temporal reta o tempo médio de 25 anos da alteração de descendências entre pais, filhos e netos. Mas, que no momento presente, a média de alternância entre gerações foi reduzida para dez anos, ou seja, as características que diferenciam cada nova geração modificam-se em um menor espaço de tempo.

O autor esboça, sucintamente, algumas dessas gerações do último século, partindo da geração dos *Baby Boomers*, nascido no período pós-guerra, entre 1940 e 1960, e que em suas juventudes lutaram contra a ditadura e difundiram a Jovem Guarda. Nesse mesmo período ditatorial, segunda metade da década de 1960 e década de 1970, nasciam os que compunham a Geração X, influenciados por Douglas Coupland, criticavam quem vivia o consumismo, pensavam sobre eles próprios e se opunham à cultura *pop*, esses conviveram com o perigo da AIDS, foram responsáveis pelo Impeachment do presidente Collor, e presenciaram a tecnologia sendo inserida em suas casas, nas instituições escolares e nos trabalhos.

A geração Y nasce nos anos 1980 até finais dos 1990, em um país já com princípios democráticos e mudanças econômicas a partir do Plano Real, impulsivos e imediatistas sempre na busca pelo prazer são simbolizados pelo uso de computadores e celulares, dando espaço para a geração que os sucederiam, a Geração Z, denominada por Bortolazzo (2012), em seu trabalho, como Geração Digital.

A letra Z advém do verbo *zappear*, que significa mudar freneticamente os canais de TV (hoje digital e interativa). Geração Z ou Digital é o nome dado àqueles nascidos a partir da metade dos anos 1990. O mundo desses jovens sempre foi habitado por Internet, celular, *email* e, de certa forma, são convocados e incitados por novidades a todo o momento. É uma geração que prescinde de informações e estímulos, mesmo que se tornem obsoletos minutos depois. Essa nova leva de jovens chama a atenção dos educadores no século XXI já que estão prestes a ingressar nas universidades e vêm demonstrando um comportamento distinto das outras gerações no que diz respeito às formas de aprendizagem e aos modos de circulação do conhecimento (BORTOLAZZO, 2012, p. 6).

Aquí, chega-se ao ponto dessa nova geração, formada em um universo virtual instigado por novidades instantâneas, momentâneas e que se perfazem pelas conexões. Esses jovens possuem uma intensa afinidade

com a gama de aparato tecnológico que surge diariamente, e assim, os olhares educativos se voltam para essa categoria social que emerge em parâmetros diferenciados no século XXI.

Dessa forma, percebe-se que os jovens são constituídos a partir do modelo de sociedade pertinente ao seu tempo. Observa-se na linha temporal de gerações expostas por Bortolazzo (2012), que cada nova geração acompanhou o ritmo impresso pelo meio social da época ou contrapôs-se aos discursos hegemônicos, onde formaram suas particularidades, identidades, subjetividades, educações e histórias. Traçando uma reflexão sobre as formas de socialização entre jovens e sociedades em seus mais variados tempos e espaços, identifica-se diversas formas de ser jovem. Na visão de Dayrell (2007), essas diferentes maneiras apontam para expressivas mutações de como a sociedade “produz” esses indivíduos.

Destaca-se que, além da sociedade “produzir” as várias formas de ser jovem, ela também classifica, rotula e atribui significados para esses sujeitos e a esses modos de viver a juventude. Se não bastasse esse cenário, os jovens, muitas vezes, são marginalizados, predominando sobre eles representações negativas com teores tecidos em fios de preconceitos, em que idealiza-se imagens de violência e perigo transversalmente as suas condições financeira e cor de pele, a partir dos quais a sociedade constitui seus perfis como indivíduos incompletos, irresponsáveis e sem confiança, ou simplesmente, como sintetizam Martins e Adad (2014), são vistos como sujeitos que ameaçam o bem-estar social.

Então, antes de tudo, é preciso refletir sobre como a educação, nesse momento de profundas transformações socioculturais, também tem visto os jovens, ressaltando que todas as condições vividas por eles interferem nesse olhar que a comunidade escolar também lançará sobre as constituições das juventudes. Faz-se necessário “[...] considerar as diversas identidades juvenis presentes do ambiente escolar, em favor do diálogo e valorização de seus modos de expressão e da contribuição significativa da experiência escolar para a sua construção identitária” (SOUZA; REIS; SANTOS, 2015, p. 16).

Para Dayrell (2007), as representações juvenis impostas pela sociedade dificultam para a escola compreender quem de fato são esses atores sociais, o que pensam e o que são capazes de fazer. Diante disso, corre-se o risco da escola não reconhecer o ser jovem que há no estudante e desenvolver um olhar embaraçoso sobre as diversidades presentes no cotidiano de seus alunos como sujeitos sociais nos âmbitos étnicos, de gênero, econômico e demais expressões de representação juvenil.

A partir das mutações que a sociedade provoca na produção dos diferentes modos de ser jovem, Dayrell (2007) complementa que essas mesmas mutações interferem na família e na escola como tradicionais instituições que possuem o encargo de realizar a socialização e formação dessa nova geração. Com essa ideia, o autor apresenta a escola como não estática e que, no Brasil, gestões progressistas estão implantando novas propostas político-pedagógicas democráticas para o ensino público. No entanto, a ruptura com as tendências imobilistas pelas propostas inovadoras é uma luta verídica que marca a instituição educativa atual, por ser necessário reconhecer a diversidade sociocultural dos estudantes.

O processo de implementação e avaliação dessas propostas vem colocando em questão, de alguma forma, a estrutura escolar, com determinada organização de tempos e espaços, o currículo e sua adequação, o papel dos atores escolares, dentre outras dimensões, envolvendo educadores, pais e especialistas em um debate acalorado. Muitas dessas propostas, na busca de estabelecer um diálogo com os jovens, tendem a desenvolver ações em torno das mais diferentes expressões culturais, na perspectiva de valorizar a cultura juvenil dentro da escola. Mas, na sua implementação, tais ações assumem direções e alcances variados (DAYRELL, 2007, p. 1123).

É preciso observar como e o que as escolas têm feito com essas propostas inovadoras de democratização e equidade cultural, que não sejam apenas momentos de entretenimento e ocupação do tempo jovem em atividades extras. Sendo necessário, pensar de fato, na estrutura da escola para contornar todo um fazer pedagógico com ênfase nas diversidades. Interessante como Ruth Rocha (1986), no conto “Quando a Escola é de Vidro”, demonstra o quanto a escola, por muito tempo, quis enclausurar os estudantes em um padrão fechado, sufocante, dolorido e único.

Tal padronização está relacionada à concepção de aluno moderno, em que a escola se separava da sociedade e “Quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar” (DAYRELL, 2007, p. 1119). Por sua vez, o texto de Rocha (1986) também denuncia a necessidade de mudanças no comportamento escolar, em que uma reeducação com relação ao modo de lidar com as diferenças, preconceitos e novas formas de socialização tem que partir da escola como instituição educacional.

Dayrell (2007, p. 1110) relata “[...] o desmantelamento das fronteiras da instituição escolar [...]”, em que “[...] jovens pobres estão, cada vez mais, transpondo os seus muros, trazendo suas experiências e novos

desafios” (DAYRELL, 2007, p. 1119). Pois, com a massificação do ensino público por volta dos anos 1980, a escola passou a receber uma representatividade social jovem cada vez mais heterogênea, passando a ser um desafio até mesmo a constituição desse indivíduo como aluno.

Em torno de todo esse processo de jovens transitando entre o dentro e o fora da escola, a escola amplia-se para novas funções, mas, para isso acontecer, ela precisa considerar a condição e o ser juvenil que há no estudante, reconhecer suas infinitas diferenças. Porém, essa tarefa inicialmente não é fácil. Santos e Santos (2014, p. 18) a consideram “[...] um dos grandes desafios da escola, paralelo ao do desenvolvimento cognitivo, é atuar no processo de reconhecimento e de aceitação das diferenças [...] visto que é um espaço de convivência híbrida”.

Souza, Reis e Santos (2015, p. 16) apontam a necessidade de repensar o Ensino Médio como uma “fase” da vida estudantil tendo como pauta as mudanças ocorridas na sociedade, considerando o jovem estudante em sua totalidade e como sujeito sociocultural. “Nesse aspecto, considerar as identidades juvenis, reconhecer seus modos de expressão, valorizar suas referências culturais, debater sobre os pré-conceitos construídos historicamente em relação a sua história [...] é algo que enriquece o trabalho pedagógico, e fortalece a autoestima de jovens alunos e alunas”.

Nesse cenário, as instituições escolares têm que tornar o ensino algo interessante e agradável para os alunos e o mais familiar possível ao seu cotidiano. Santos e Santos (2014, p. 130) falam que é preciso repensar “[...] o papel da escola quanto aos seus espaços, tempos, relações e métodos”. Quando se fala de espaço, na atualidade, as juventudes também “circulam” por ambientes virtuais, ou mesmo, ocupando dois espaços (físico e virtual) em um só tempo, onde as relações rompem a necessidade das presenças físicas, com isso, um mundo subjetivo é estabelecido. Nesse contexto, é necessário dialogar sobre todos os aspectos influentes, dentro ou fora da escola, na construção identitária desses sujeitos.

Para Gonzáles Rey (2001, p. 11),

O objetivo da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa dos processos de subjetivação associados com sua vida cotidiana. O sujeito se expressa na sua reflexividade crítica ao longo de seu desenvolvimento.

A escola é um lugar de produção de sentido e significado, o aluno presente na sala de aula expressa sua história singular e seu cotidiano

real. Conforme esses aspectos, assim como o indivíduo e a sociedade são inseparáveis, a escola também não se separa dessa última. Com isso, as salas de aulas são perpetuadas de significações e de sentidos advindos de meios exteriores ao ambiente escolar. Dessa forma, nos moldes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as funções da escola deixam de ser fragmentadas e reduzidas ao processo de aprendizagem e buscam a formação integral dos educandos,

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14).

Diante dessa concepção, reconhecer a condição social juvenil é primordial para o desenvolvimento global (dos educandos) pretendido pela BNCC, apesar de Cardoso (2009, p. 125) apontar que o referido documento, como política pública curricular do Ensino Médio, ainda fala timidamente sobre considerar os aspectos subjetivos do público jovem, identificando um

[...] ínfimo interesse na BNCC acerca das identificações juvenis, pois mesmo que se comente, que se considere os aspectos das subjetividades desse público jovem, eles de fato não são abordados, discutidos e, portanto, são mantidas as vozes dos que, em tese, edificaram a proposta da BNCC, sendo eles: a sociedade civil, a sociedade escolar (com pouca participação dos alunos) e os organismos governamentais.

Nessa perspectiva, percebe-se o quanto as instituições assumem o lugar de fala de jovens estudantes. Contudo, sabe-se que as instituições escolares e os profissionais da educação devem promover o ensino sob o viés de compreensão das particularidades de cada estudante, ao tempo que seja possível percebê-lo como sujeito coletivo, como sujeito social e em sua totalidade humana. Além do mais, urgentemente, faz-se necessários dar vozes às juventudes para que expressem quem são e o que desejam ser, assim, constituir um ensino e políticas públicas educacionais que atendam

a essas múltiplas vozes, é refletir sobre as juventudes e construir perspectivas para os jovens, porém, com os jovens e os seus diversos modos de ser.

Pesquisa de campo

O estudo possui abordagem qualitativa, pois seu objetivo não tem um caráter quantificável, mas que se envolve “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21-22). Preocupando-se em manter o caráter científico, a pesquisa apresenta um percurso metodológico criativo, porém, claro e coerente. Para Minayo (2001, p. 17),

Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos distintos e constituintes dos discursos dos sujeitos participantes do estudo. O primeiro refere-se à oficina inspirada na metodologia Sociopoética com participação de 13 alunos de Ensino Médio do Instituto Federal do Piauí, Campus Valença do Piauí (IFPI-CAVAL). Os dados produzidos coletivamente pelos alunos durante a oficina foram analisados pelo pesquisador e resultaram em um poema criado também pelo pesquisador, mas considerado como as vozes dos jovens estudantes nas análises deste estudo, pois derivam de procedimentos teórico-metodológicos coletivos, nos quais os jovens foram copesquisadores.

O segundo momento faz referência às entrevistas individuais concedidas por cinco professores de Ensino Médio do IFPI-CAVAL e que lecionavam para os alunos participantes da oficina³. Dos cinco docentes, três responderam aos questionamentos das entrevistas presencialmente e tiveram suas respostas gravadas em áudio no smartphone do entrevistador. Os outros dois receberam as perguntas por escrito e impressas em papel,

³ Os cinco professores manifestaram, voluntariamente, interesse em participar da pesquisa mediante assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entanto, suas identidades são mantidas em sigilo. Assim, são referenciados no texto como: Professor A, Professor B, Professor C, Professor D e Professor E.

assim, enviaram suas respostas ao pesquisador por e-mail. Contudo, todos receberam o poema impresso para leitura e análise e foram abordados no intuito de observar se conseguiam reconhecer/relacionar características das identidades juvenis no/ao texto por meio das seguintes interrogações:

- Ao analisar o poema você consegue identificar o perfil dos seus jovens alunos? Há no poema algo que considere ser sobre eles? Se sim, o quê? Se não, como eles seriam na sua perspectiva?
- Faltou algo no poema que pudesse representá-los melhor?
- Algo/algum trecho no/do poema chamou mais a sua atenção? Se sim, destaque!

As respostas dos professores entrevistados foram analisadas de forma comparativa e entrecruzada com o poema. Buscou-se encontrar pontos convergente e/ou divergentes nas relações entre os discursos docentes e as vozes dos alunos representadas pelo texto escrito, averiguando as características das identidades juvenis reconhecidas pelos professores na produção textual. E, assim, apresenta-se os resultados descritivamente e em diálogos com os referenciais teóricos.

Contextualizando a oficina inspirada na Sociopoética

A Sociopoética é apresentada pelo seu criador, o pedagogo e filósofo francês Jacques Gauthier (2019), como método de pesquisa de elaboração coletiva de conceitos emaranhados com afetos e intuições. O estudioso narra o nascimento do método pela necessidade de superar os limites que surgem em pesquisas qualitativas em diversas áreas e impostos pela racionalidade da posição de poder dos pesquisadores (GAUTHIER, 2015). Essa metodologia é um lugar de construções e desconstruções vinculadas à inspiração criativa na produção de conhecimentos decolonizados e saberes democratizados: “[...] a expressão Sociopoética surge de um neologismo que une o latim *socius* – aquilo que é coletivo –, ao grego *poiésis*, que significa criação. Desse modo, o termo designa a construção coletiva do conhecimento” (SANTOS, 2013, p. 39).

São cinco as orientações metodológicas básicas sociopoéticas: 1) constituição de um grupo-pesquisador, “coletivo sensível e inteligente autor e responsável pela pesquisa”; 2) valorização das culturas dominadas ou de resistências; 3) produção do conhecimento a partir de todas as potências do corpo; 4) utilização de técnicas artísticas para produção dos da-

dos; 5) responsabilização da pesquisa pelo grupo-pesquisador, que detém a posse da pesquisa (GAUTHIER, 2019, p. 237-241).

A inspiração sociopoética surgiu durante o percurso investigativo de uma pesquisa de mestrado sobre subjetividades juvenis, pois seus preceitos vieram a calhar com os objetivos do estudo. Nessa perspectiva, foi planejada e executada uma oficina inspirada na Sociopoética com os 13 jovens estudantes de Ensino Médio do IFPI-CAVAL⁴, compreendidos entre 15 e 17 anos de idade e que aceitaram participar voluntariamente⁵, constituindo-se o grupo-pesquisador. Percebe-se que por pertencerem a uma categoria social, atende-se à orientação de valorizar as culturas de resistências, nesse caso, as culturas juvenis.

A oficina tinha como objetivo conhecer as identidades subjetivas juvenis produzidas pelos jovens alunos conforme as imagens que eles tinham de si, foi realizada em sessão única com duração de 2h, na tarde do dia 28 de novembro de 2017, numa sala de aula do IFPI-CAVAL. Após as apresentações iniciais dos participantes da oficina, foi negociado com o grupo-pesquisador o tema-gerador da oficina, decidindo-se pelo “O Eu”. Seguindo a orientação de que a produção do conhecimento se dar a partir de todas as potências do corpo, os jovens alunos foram convidados a dançar livremente músicas de vários ritmos, com isso, pretendia-se que houvesse o relaxamento para a produção dos dados, pois, enquanto se dança, pensa-se com emoções e sensações e o fenômeno prático cognitivo é ativado (GAUTHIER, 2015, 2019).

A última música foi um instrumental calmo, ao som dele, os estudantes sentaram-se no chão e, por meio da leitura de um roteiro, foram instigados a imaginarem-se como bichos de suas escolhas e que vivenciarão diversas adversidades ao longo de uma viagem pela natureza, mas que ao final transformavam-se em uma autorrepresentações desses sujeitos, que a partir das sensações e emoções sentidas deveriam responder a pergunta: “quem sou eu?”.

Subsidiados pela quarta orientação sociopoética, a utilização de técnicas artísticas para produção dos dados, foi aplicada a Técnica do Bicho (GAUTHIER, 2015), em que cada aluno criou com massa de modelar o “bicho-eu” que os representassem em resposta ao questionamento “quem sou eu?”. Em Sociopoética, os participantes ganham o nome de

⁴ O Diretor-Geral do IFPI-CAVAL, mediante termo de anuência, autorizou a realização da pesquisa na instituição.

⁵ O(A) responsável legal por cada jovem assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em 24/11/2020, presencialmente, o pesquisador fez o convite aos alunos para participação voluntária na oficina, apresentou os objetivos da pesquisa e os procedimentos éticos, ficando a participação condicionada a apresentação do TCLE assinado pelo(a) responsável legal.

copesquisadores por integrarem o grupo-pesquisador, serem os “donos” do conhecimento produzido e analisarem em conjunto os dados da pesquisa, expressando sua essência coletiva (GAUTHIER, 2015). Nesse sentido, a quinta orientação básica da sociopoética foi atendida quando, após produzirem cada “bicho-eu”, os copesquisadores analisaram suas produções individual e oralmente para que todos ouvissem e, posteriormente, os sentidos e significados produzidos foram analisados em conjunto pelo grupo-pesquisador, ou seja, todas as criações foram analisadas para uma construção coletiva sobre o “quem sou eu juvenil” e as imagens que possuíam de si. Os registros das análises do grupo-pesquisador foram feitos com a gravação de suas falas em áudios no smartphone do pesquisador-facilitador (como é chamado o “autor” do estudo na Sociopoética).

Por fim, encerramos a oficina com uma roda de embalo com todos de mãos dadas em agradecimento pelas experiências vivenciadas naquela tarde.

Depois da produção coletiva e análise de seus significados pelo grupo-pesquisador, em casa, o pesquisador-facilitador realizou a análise do conjunto das produções (falas individuais, análises coletivas e produções artísticas dos copesquisadores). Assim, conforme Santos (2013), entre os dados, buscou-se oposições, convergências e, em teorias, fundamentações para os sentidos percebidos. Nas análises em Sociopoética, o pesquisador-facilitador apresenta os resultados do estudo, sendo facultado expô-los artisticamente (GAUTHIER, 2015, 2019). Sendo assim, concluídas as análises, movido pelo desejo intenso de expressar-se através da escrita, o pesquisador produziu o poema titulado “Quem sou eu?”, estruturado a partir dos conceitos produzidos pelo grupo-pesquisador sobre as imagens juvenis de si e percebidos pelo pesquisador durante as análises.

Quem sou eu?

Quando me perguntam quem sou eu,
É impressionante como em um instante,
O imaginário vira real e o real vira imaginário,
Essa mistura é extraordinária.

O eu é jovem em corda bamba,
Hora sou responsabilidade, hora sou samba.
Estilo “vida loka” curtidão,
Sem esquecer que no outro dia tem avaliação.

Alma, sentimento e emoção,
Definem quem eu sou.
Aparência não é essência,

E eu sou mais coração, sou amor.
 Amor ao próximo, amor à vida,
 Um coração partido nem sempre é despedida.

Eu tive infância?
 Se tive, não lembro.
 E se lembro, queria voltar até lá.
 Mas o mundo não me deixa
 Para aquele planeta voltar.
 Então, é preciso superar,
 Buscar equilíbrio e seriedade,
 Se renovar, se adaptar,
 Se transformar...

Nem sempre sou o que pensam,
 Olham muito para meu aspecto,
 Mas sou um “elemento” completo,
 Moral, físico, alma e intelecto.
 Onde veem fragilidade, tem uma insanidade
 Que me faz acreditar na esperança,
 De quem um dia foi sim, criança.

Eu sou eu, mas estou costumeiramente com alguém,
 Sabe aquela coisa de amizade que faz bem?
 Amigo que parece mais irmão,
 E familiar que é um bom amigão?
 Tipo assim, a gente briga, se desentende,
 Mas ninguém mexe com a gente,
 Pois, somos tolerância, alegria e proteção.

Sonhos, tenho muitos para alcançar,
 Mas eu vivo o hoje, pois, o hoje é o meu lugar.
 Lutas e obstáculos são constantes,
 Mas voo alto, e cada dia venço um gigante.
 Nessa hora me faço bruto e determinado,
 Mas sempre grato, grato a Deus eu sou,
 Pelo o já conquistado.

Tendo em vista que o poema é resultado do conhecimento coletivo construído pelo grupo-pesquisador (os treze alunos participantes da oficina), os versos e estrofes permitem conhecer as identidades juvenis conceituadas conforme as imagens que esses jovens possuem de si. Ressalta-se que, posteriormente, o grupo-pesquisador teve acesso à produção escrita e os copesquisadores validaram o texto, autorizando sua utilização como manifestação representativa de suas identidades. Assim, neste estudo, o poema representa as vozes destes estudantes de Ensino Médio sobre identidades juvenis, em especial, sobre suas autorrepresentações.

Análise do poema pelos professores e análise dos discursos docentes pelo pesquisador

Os cinco professores receberam impresso em papel o poema resultante da análise dos dados da oficina inspirada na Sociopoética realizada com os jovens alunos do estudo. Antes de responderem às perguntas, solicitou-se que realizassem a leitura da produção textual. Após a leitura, os docentes foram abordados no intuito de observar se conseguiram reconhecer/relacionar características das identidades juvenis no/ao texto. Então, foram questionados se ao analisar o poema conseguiram identificar perfis de seus jovens alunos.

Com base na leitura, Professor A declarou que o texto lido sintetizou a identidade real dos jovens e, logo após, apontou três características consideradas mais marcantes.

Os alunos vivenciando os vários “eus” de forma dialética, pois, há um conflito em ser “vida loka”, mas lembrar que há avaliação [a responsabilidade de ter que estudar para avaliações escolares]. Vivem uma dinâmica subjetiva e fluida. A cobrança que eles expressam sentir pela sociedade para dizer quem são. Mas nem eles sabem dizer. O mundo pergunta quais são os seus perfis, e eles respondem “sei lá, eu sou um monte de coisa, uma hora sou um, outra hora sou outro”. Contudo, é esperado deles essa definição. Como as relações são construídas, a amizade percebida, a sociabilidade na rede, ou fora da rede, contribui para que o indivíduo se sinta seguro, pois, encontra apoio nos semelhantes “eu sou assim, mas ele também é, eu tenho apoio”. Esse é um fator da sociabilidade virtual, que tem levantado a autoestima de muitas pessoas, antes discriminadas por um detalhe seu, um detalhe do seu corpo, e na rede encontram apoio ao buscarem e poderem filtrar justamente aquelas pessoas que o aceitam como são (PROFESSOR A).

As primeiras relações são estabelecidas considerando os jovens em suas singularidades, mas que ao mesmo tempo possuem identidades múltiplas e capazes de transcorrer entre as diversões e responsabilidades com os estudos escolares. Para Canevacci (2009), o que o Professor A relata denomina-se como *multivíduo*, em que há uma multiplicidade de personalidades em um único sujeito. Conforme Souza, Reis e Santos (2015, p. 15), “Não há uma juventude única, homogênea, mas sim *múltiplas, plurais* e além disso, *variáveis, mutantes*. [...] Na verdade, são possibilidades de ser jovem, inseridas em realidades sociais e culturais que delineiam a condição juvenil. E cada sujeito experimenta essa condição do seu modo”.

No entanto, evidencia-se um discurso docente em dois prismas. Primeiro, visualizando o jovem como singular com sua história, mas múltiplo em si. E, em segundo plano, quando observa-se as gerações como um conjunto social e com atributos que as diferenciam.

Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se comparamos a geração dos jovens com outras gerações; heterogêneo logo que a geração dos jovens é examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros (PAIS, 1990, p. 151).

Além disso, Professor A enfatiza os fortes vínculos afetivos juvenis, sugere a aceitação entre si como possível razão e relata que as formas de relacionarem-se ganham formas virtuais. Ainda é relacionado pelo Professor A outros motivos para a intensificação da relação entre os alunos,

Jovens que são de outras cidades, mas moram juntos na república, na cidade aqui do Instituto. Torna-se um convívio familiar, que aceita muitas diferenças, muito mais que em casa, que talvez sejam rejeitados por suas diferenças, os alunos aqui (no IFPI) se sentem muito mais à vontade que nas cidades menores de origem, mais conservadoras, algo que é visto como negativo no jovem em sua cidade, em Valença pode ser mais permissível (PROFESSOR A).

Já o Professor B, destacou apenas um trecho do poema e teceu um comentário:

O jovem em corda bamba – A responsabilidade que confronta direto com a realidade momentânea do jovem, “eu preciso estudar, mas também estou na fase de me divertir, de conhecer as coisas do mundo, estou nesse vai e volta”. A escola e a família têm que ter a percepção dessa realidade em que o jovem está vivendo, a partir daí orientar e tentar estabelecer seus limites, entender as responsabilidades, mas que precisa viver, experimentar as coisas com responsabilidade, além das exigências como pessoas e como filhos (PROFESSOR B).

A expressão “jovem em corda bamba” também foi destaque para o Professor C, como o momento do jovem descobrir-se, e para isso precisa de experiências na transição que muda sua realidade comportamental e suas concepções na construção da identidade. O verso, “Mas eu vivo

o hoje, pois, o hoje é o meu lugar” é discorrido pelo entrevistado como um marco da geração imediatista, que ama o seu cotidiano e seu lugar de conforto no hoje, sem preocupações excessivas quanto ao porvir.

Dayrell (2003, p. 42-43) afirma que o lugar juvenil é de constituição social como sujeito de historicidade, convívios e aberto ao mundo, bem como agente de produção desse mundo e de si,

[...] o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Segundo o Professor D, o poema veio a calhar como um texto que representa a realidade “[...] dos nossos aluno(a)s (jovens). Todos os dilemas da fase, os medos, os desejos. Fase de autoconhecimento, de construção, de reconhecimento no mundo, e na sociedade” (PROFESSOR D). A última relação realizada entre o poema e a visão sobre a identidade subjetiva juvenil dos educadores foi direcionada com maior destaque para os estudantes de uma turma específica da instituição campo da pesquisa, em que parte dela participou da oficina realizada com alunos do IFPI-CAVAL. “Falando especificamente de uma turma, sim. Alguns são muito agitados, outros querem se destacar mais, uns falam menos, outros gostam de ficar sozinhos” (PROFESSOR E).

Os professores destacam a relação entre o jovem e o aluno, o jovem cheio de si e multiplicidades, que assume suas responsabilidades na execução de sua função na instituição escolar, ou seja, transitar entre a curtição e a educação, “[...] ser jovem e estudante do ensino médio implica em papéis sociais diferenciados, mas que se entrecruzam e se misturam em todo momento” (SOUZA; REIS; SANTOS, 2015, p. 14). De fato, conforme Dayrell (2007), não é fácil a construção do jovem em aluno, é de alta complexidade e tensão,

Contudo, não é um trabalho fácil, o jovem vivencia uma tensão na forma como se constrói como aluno, um processo cada vez mais complexo, onde intervêm tanto fatores

externos (o seu lugar social, a realidade familiar, o espaço onde vive etc.) quanto internos à escola (a infra-estrutura, o projeto político-pedagógico etc). No cotidiano escolar, essa tensão se manifesta não tanto de forma excludente – ser jovem *ou* ser aluno –, mas, sim, geralmente na sua ambigüidade de ser jovem *e* ser aluno, numa dupla condição que, muitas vezes, é difícil de ser articulada, que se concretiza em práticas e valores que vão caracterizar o seu percurso escolar e os sentidos atribuídos a essa experiência (DAYRELL, 2007, p. 1120, grifos do autor).

O acrescido pelo autor referencia os versos aludidos e os esclarecimentos dos professores. Primeiro, sobre os dois seres (jovem e aluno) em um único ser, que em segundo plano, é cobrado a constituir-se em aluno, sujeitado a ser encaixado em um perfil institucional, a exemplo, a utilização de uniformes/fardamento que demonstram regras das quais precisam submeter-se e, literalmente, uniformizarem-se. Terceiro, a família como um fator externo na imposição de limites, faz com que se busque agregação e aceitação de si em outros, como colegas de classe. E, por último, o espaço do jovem é um lugar social que adentra a escola juntamente com ele e suas tensões.

Dessa forma, as aproximações entre as percepções docentes sobre as identidades juvenis e a forma como os jovens autorrepresentam-se são contextos educativos propícios para o desenvolvimento pleno dos estudantes em meio as multiplicidades de juventudes e ao cenário mundial que faz com que seja necessário alunos reconhecerem-se e serem reconhecidos socialmente.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Para Pais (1990, p. 150), “[...] quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas”. Na concepção de Costa (2020, p. 1327), “[...] conhecer e reconhecer as identidades subjetivas em

percepções sensíveis é um ato educativo de caráter prático e social para a docência na atualidade”. Nesse contexto, as instituições escolares necessitam desenvolver novas pedagogias sociais e cidadãs. Aprimorar propostas inovadoras de democratização e equidade cultural, que não sejam apenas momentos de entretenimento e ocupação do tempo jovem em atividades extras. Sendo necessário, pensar de fato, na estrutura da escola para contornar todo um fazer pedagógico com ênfase nas diversidades, na multiplicidade e fluidez juvenis.

Considerações Finais

Evidentemente, os professores entrevistados, referenciados pelo poema, concordam com os conceitos construídos pelo grupo-pesquisador sobre identidades juvenis durante a oficina inspirada na Sociopoética e expressos descritivamente pela produção textual resultante das análises realizadas pelo pesquisador-facilitador sobre os dados produzidos na oficina. Mesmo que haja pontos mais fortes e enfáticos, a conformidade demonstra que os olhares de si juvenis não estão aquém daquilo que seus professores também observam. É possível afirmar que há um paralelismo consensual entre os envolvidos sobre a constituição da categoria juvenil.

O estudo não tem a intenção de vincular rótulos às imagens e às identidades de jovens. Porém, as consonâncias entre os discursos dos discentes e docentes participantes da pesquisa permitem visualizar traços característicos na constituição juvenil na atualidade. Primeiramente, percebe-se as juventudes em meio a uma sociedade contemporânea que perpassa por mudanças repentinas que marcam socialmente as rupturas entre gerações. Em segundo plano, além de juventudes plurais, destaca-se a existência de seres múltiplos, ou melhor, de uma multiplicidade identitária em um único jovem. Por outro lado, essa multiplicidade necessita dialogar com a sociedade que exige de si determinados comportamentos padronizados e estereotipados.

Identifica-se que a busca pelo equilíbrio é um ideal juvenil. Sendo muitas vezes necessário encontrar em seus pares a aceitação para manter sentimentos, emoções, forças e determinações em harmonia para um crescimento e desenvolvimento saudável e integral. Há uma busca por encontrar-se entre as diversões que não minimizam suas responsabilidades. É uma constante desequilibrar para reequilibrar. É querer ser criança novamente, mas valorar o lugar presente e, ainda, sentir a cobrança por decisões sobre o futuro.

Mas antes de qualquer coisa, faz-se necessário compreender o lugar da categoria juvenil como social, cultural e vivencial. Por tanto, é essencial que instituições escolares e profissionais de educação rompam com visões reducionistas e/ou românticas e reconheçam as identidades juvenis como emergentes de experiências de diversos espaços e diferentes formas de relacionarem-se entre si, com a sociedade e com os universos, a exemplo do digital.

Para isso, sugere-se que a escola crie espaços dialógicos como estratégias de expressões dos alunos, que propiciem processos de autocohecimento aos jovens e, em especial, que possibilitem à instituição (re)conhecer as necessidades expressas nas autorrepresentações dos estudantes. Pois, dar voz aos educandos é o caminho precípua para saber quem estes são, imaginam ser e/ou pretendem vir a ser e, assim, efetivar um processo educativo que concorra para a educação integral e global.

REFERÊNCIAS

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Nascidos na era digital: outros sujeitos, outra geração. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 16., 2012. **Anais...** Campinas: Junqueira&Marin Editores, 2012. p: 2-13.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 14 de dezembro de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

CARDOSO, Marlon Magno Rangel. **Educação e Ensino Médio**: identidades juvenis e o currículo para as juventudes. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos e metrópoles. **Revista Signos do Consumo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8–20, abr. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/42762/46416>. Acesso em: 20 fev. 2018.

COSTA, Douglas Pereira da. Concepções de professores sobre identidades juvenis no contexto das redes sociais virtuais. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 2, p. 1314-1328, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1314-1328.id716>. Acesso em: 19 out. 2020.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 out. 2017.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 44-52, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.

GAUTHIER, Jacques. A Sociopoética como método de pesquisa instituinte e decolonial. **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 235-256, 2019. Disponível em: <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/217>. Acesso em: 18 out. 2020.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Bahia, v. 4, n. 1, p. 78-86, jul. 2015. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/459>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GONZÁLES Rey, Fernando Luis. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 13, p. 9-15, jul. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/32815>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MARTINS, Lucivando Ribeiro; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A produção de subjetividade pelos(as) jovens da escola pública sobre o corpo estranho nas redes sociais: uma inspiração Sociopoética. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do (Org.). **Educação, diversidades e políticas de inclusão: juventudes, cultura de paz e subjetividades**. v. 2. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 81-95.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude: alguns contributos*. **Análise social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analise-social.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

SANTOS, Maria da Conceição de Souza. **Páginas sociopoéticas: deslizando nas ideias e nos conceitos de jovens sobre leitura**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

SANTOS, Maria da Conceição de Souza; SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. Arte e Literatura: Pontes que levam os jovens ao conhecimento. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do (Org.). **Educação, diversidades e políticas de inclusão: juventudes, cultura de paz e subjetividades**. v. 2. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 125-138.

SOUZA, Emanuelle; REIS, Rosemeire; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Identidades juvenis e experiência escolar no Ensino Médio. **HOLOS**, [S.l.], v. 4, p. 3-17, ago. 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3189>. Acesso em: 18 out. 2020.